

Índice

Prefácio.....	7
Introdução por Stephen R. Covey	13
 PARTE 1: INTRODUÇÃO AOS 7 HÁBITOS PARA	
UMA RELAÇÃO ALTAMENTE FELIZ	19
Entre o estímulo e a resposta	31
Você tem o poder de escolher a sua resposta a qualquer conjunto de circunstâncias.....	37
Os quatros dons humanos	45
A sua vitória pública	53
 PARTE 2: CRIAR A CULTURA DE UMA RELAÇÃO FELIZ.....	
Hábito 1: Seja proativo	
<i>Trazer a escolha e a responsabilidade para a sua relação.....</i>	69
Pratique o Hábito 1.....	77
 Hábito 2: Comece tendo o fim em mente	
<i>Trazer propósito e visão para a sua relação</i>	83
Pratique o Hábito 2: Desenvolva a sua Declaração de Missão do Casal	89

Hábito 3: Definir Prioridades	
<i>Conseguir tempo para estarem a sós.....</i>	99
Pratique o Hábito 3.....	103
 Hábito 4: Pensar em formas de todos ganharem	
<i>Construir confiança na sua relação.....</i>	109
Pratique o Hábito 4.....	116
 Hábito 5: Procurar compreender primeiro, ser compreendido depois	
<i>Chegar ao âmag da comunicação.....</i>	121
Pratique o Hábito 5.....	129
 Hábito 6: Desenvolver sinergias	
<i>Considerar os pontos fortes de todos.....</i>	135
Pratique o Hábito 6.....	139
 Hábito 7: Afiar a serra	
<i>Renovar o espírito da relação</i>	143
Pratique o Hábito 7.....	148
 Espaço para as suas REFLEXÕES pessoais	153
 Definição dos 7 Hábitos.....	155
 Sobre os autores.....	157
 Sobre FranklinCovey.....	159

Prefácio

Ao longo dos últimos 25 anos, viajámos por todo o mundo, incluindo Ásia, Europa e América, a ensinar os princípios e conceitos presentes neste livro, *Os 7 Hábitos dos Casais Altamente Felizes*, e, como seria de esperar, muitas das questões que recebíamos concentravam-se especificamente, e de forma assaz enérgica, na dinâmica recompensadora e frustrante, em igual medida, da relação entre parceiros adultos, casados ou não, mas parceiros que funcionam numa relação a que chamam família. E queremos partilhar consigo algumas das coisas que aprendemos. A primeira coisa que queremos partilhar é que aprendemos que não podemos, nem conseguimos, definir família ou casamento. Algumas das relações são casamentos, outras não, mas em todas existe um compromisso com o sucesso da unidade familiar. Qualquer que seja a sua situação, a palavra que se lhe possa aplicar é indiferente! O que importa é o sucesso e a eficácia das pessoas que ama e de quem se rodeia diariamente. É completamente irrelevante a configuração da sua parceria e da sua família. O que interessa é que concorde que existe um casamento de duas mentes e de dois corações ligados pelo amor, pelo compromisso e pela visão partilhada do sucesso familiar.

Aprendemos que, em todas as culturas, a família não é apenas um grupo de pessoas que vivem juntas numa casa – as famílias são sagradas, independentemente da sua forma ou dimensão. E por a família ser sagrada, acreditamos que nós, parceiros adultos, devemos investir tudo o que estiver ao nosso alcance para tornar a vida da família feliz, realizada e saudável. Relações familiares eficazes

são essenciais para o nosso bem-estar pessoal e para o bem-estar da sociedade e do futuro.

Poderá perguntar o que torna alguns parceiros mais eficazes e outros menos eficazes. Será que existem princípios de eficácia humana corretos para todos nós? A resposta é “Sim”! Os hábitos da eficácia humana apresentados neste livro funcionam, e vão funcionar para si, independentemente das circunstâncias.

Existe um estudo intitulado *Hard Wired to Connect* (Programado para Ligar). Foi publicado há alguns anos e é um estudo científico sério – estamos a falar de algumas das melhores mentes no campo dos relacionamentos humanos. O estudo explica o porquê de sermos como somos e do que necessitam os seres humanos para prosperarem emocionalmente. Conclusão: nascemos para nos relacionarmos uns com os outros. A par com a sobrevivência física, a mais premente de todas as necessidades humanas é o desejo de ligação. De facto, está provado que as pessoas que estabelecem e mantêm ligações humanas vivem durante mais tempo e mais felizes.

Os problemas de relacionamento e os problemas familiares simplesmente não desaparecem. Na verdade, quanto mais tempo passa, mais complexos se tornam. Portanto, o segredo não é tratar dos problemas, é a forma como se trata dos problemas. É isso que leva a que as relações sejam ou não felizes. Gostamos de pensar numa relação como um avião. Um avião tem sempre um destino claro, um plano de voo e o equipamento que lhe permite manter a rota. O mesmo se passa com as relações. Alcançará o sucesso nas suas relações se tiver estes três elementos. Os 7 Hábitos são o seu plano de voo para uma relação mais satisfatória e mais forte.

Este livro ilustra e explora este princípio intemporal de ligação, e depois leva-o a um nível mais elevado: ligação eficaz. O livro está repleto de sabedoria sobre pessoas que se ligam em relações de compromisso. Os princípios da eficácia humana vão ajudá-lo, assim como ao seu parceiro, a prosperar em qualquer que seja o seu país de origem ou quaisquer que sejam as suas circunstâncias.

Este livro maravilhoso explora e ilustra como Stephen e Sandra Covey, e os seus filhos, tal como outras famílias, tentaram viver os 7 Hábitos. Eu, John, conheci o Stephen toda a minha vida. É o meu

irmão mais velho. E eu, Jane, vi o impacto da influência do Stephen na vida do meu marido, John; vi o Stephen e a Sandra criarem uma relação feliz e comprometida que influencia gerações; e estou grata pelo quanto influenciaram a minha vida e o meu casamento; e posso atestar que sempre foram bons exemplos de uma parceria eficaz, feliz e verdadeira.

Espero que goste e que saiba que este livro foi escrito para si e para o seu parceiro ou a sua parceira.

Dr. John e Jane Covey

*“Se aplicar hoje
nem que seja apenas um dos 7 Hábitos,
poderá ver resultados imediatos;
mas trata-se de uma aventura
para toda a vida:
uma vida de promessas.”*

STEPHEN R. COVEY

Introdução por Stephen R. Covey

Sou Stephen R. Covey. Bem-vindo a este novo livro sobre como aplicar os 7 Hábitos em casa, no casamento e na família. Acredito piamente que um casamento e uma família saudáveis são a base da civilização e as fundações da sociedade, e que a nossa maior alegria e realização assentam no seio dos nossos lares e das nossas famílias. Também acredito que o trabalho mais importante que alguma vez realizaremos será em casa.

A antiga primeira-dama Barbara Bush disse-o maravilhosamente a um grupo de estudantes universitários em Wellesley College:

“Por importantes que venham a ser as vossas obrigações enquanto médicos ou líderes empresariais, vocês são, antes de mais, seres humanos, e essas ligações humanas com cônjuges, com filhos, com amigos são os investimentos mais importantes que alguma vez irão fazer. No final das vossas vidas, nunca se arrependerão de não terem realizado mais um teste, de não terem vencido mais um veredicto ou de não terem fechado mais um negócio. Irão arrepender-se de não terem passado tempo com um cônjuge, com um filho, com um amigo ou com um progenitor. O nosso sucesso enquanto sociedade depende não do que acontece na Casa Branca, mas no que acontece no interior das vossas casas.”

Estou convencido de que se nós, enquanto sociedade, trabalharmos de modo diligente em todas as outras áreas da vida e negligenciarmos os nossos relacionamentos mais importantes, os nossos parceiros e a nossa família, isso será análogo a alinhar as cadeiras no convés do *Titanic*. Nas palavras de Dag Hammarskjöld, outrora secretário-geral da Nações Unidas: “É mais nobre entregar-se por completo a um indivíduo do que trabalhar diligentemente pela salvação das massas.” A minha mulher adora apresentar-me esta citação de tempos a tempos.

As pessoas têm necessidades universais. Precisam de se sentir seguras, valorizadas, respeitadas, encorajadas e amadas; estas necessidades podem encontrar a sua mais doce satisfação nas ligações entre amantes, marido e mulher, filhos e progenitores. Por isso, é trágico quando os indivíduos de qualquer família não conseguem satisfazer essas necessidades. Existem determinados princípios fundamentais que regem todas as interações humanas, e viver em harmonia com esses princípios ou leis naturais é absolutamente essencial para a qualidade da vida familiar. Ao longo dos últimos 50 anos, observei como os casamentos e as famílias se alteraram de forma profunda e drástica.

Considere o seguinte:

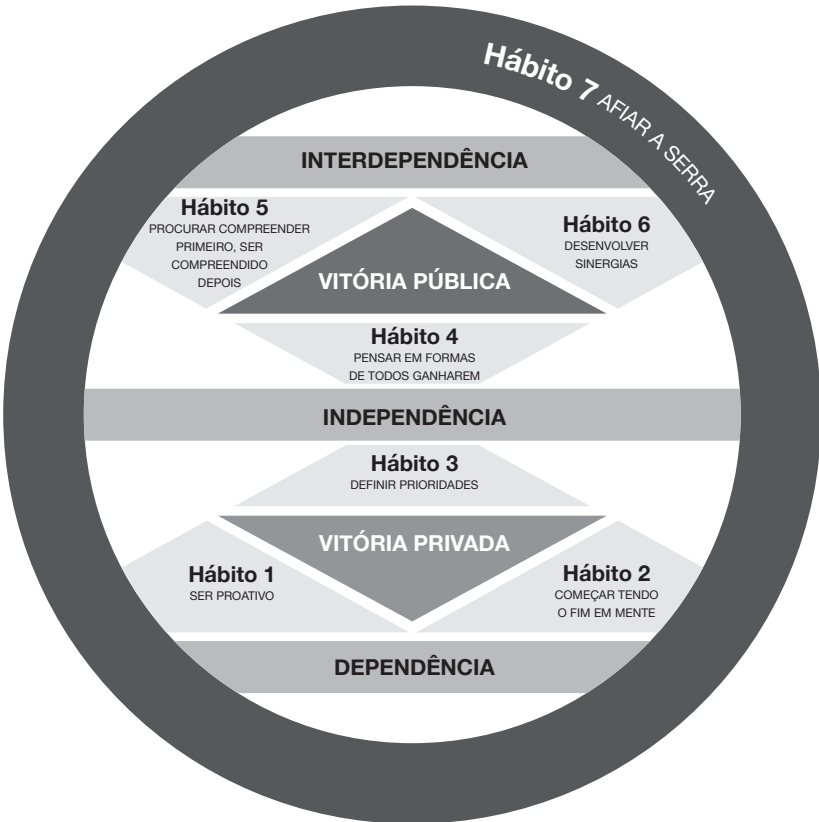
- As crianças nascidas num lar monoparental aumentaram mais de 400%.
- A percentagem de famílias monoparentais mais do que triplicou.
- A taxa de divórcio mais do que duplicou.
- O suicídio adolescente aumentou quase 300%.
- No meio de tudo isto, a percentagem de famílias em que um dos progenitores está em casa com os filhos durante o dia caiu de 66,7 para 16,9%.

É impressionante e assustador pensar no que ocorreu na unidade familiar ao longo dos últimos 50 anos. O grande historiador Arnold Toymbee defendia que é possível resumir toda a história numa simples ideia: *Nada fracassa como o sucesso*.

Por outras palavras, quando a resposta é igual ao desafio, alcançamos o sucesso. Mas quando o desafio muda, a velha resposta para o sucesso deixa de funcionar. O desafio mudou na nossa sociedade, afetando os nossos lares e as nossas parcerias, por isso temos de desenvolver uma resposta equiparável a este novo desafio.

O desejo de criar uma forte parceria e uma família não é suficiente. Precisamos de uma nova mentalidade, de um novo conjunto competências e de novos instrumentos para lidar com a mudança. O desafio deu um salto quântico e, se quisermos oferecer uma resposta eficaz, também nós teremos de o fazer.

O enquadramento dos 7 Hábitos representa precisamente essa mentalidade e conjunto de aptidões. Muitos casais e muitas famílias usam os princípios presentes no enquadramento dos 7 Hábitos para ficarem mais fortes e para se manterem no bom caminho.



A minha maravilhosa mulher de há 50 anos, Sandra, juntamente com o meu irmão, John, e a sua mulher, Jane, oferecem os seus conhecimentos e as suas experiências pessoais na aplicação de princípios comprovados nas nossas vidas. Esperamos que leia algo que ressoe em si e o ajude, de algum modo, a aplicar esses princípios no seu próprio casamento, na sua parceria e na sua família, e que o beneficie ao fazê-lo, como nós e as nossas famílias beneficiámos.

*“Lembre-se de que conhecer
e não fazer é não conhecer.
Aprender e não fazer
é não aprender.”*

STEPHEN R. COVEY

Parte 1: Introdução aos 7 Hábitos para uma relação altamente feliz

SANDRA:

Bem, isto vai ser divertido, porque vamos falar sobre a relação do casal, dois parceiros adultos, no seio da família. Para muitos, isso é um casamento formal e legal, mas nem sempre: pode ser o acordo e o entendimento entre dois adultos que decidem formar uma unidade familiar, com ou sem filhos. E se pensarmos nisso, é fantástico que tantas parcerias resultem, tendo em consideração que os dois parceiros vêm de famílias e origens diferentes, com modos diferentes de agir, de encarar as coisas, de resolver problemas, de comunicar, de gerir as finanças e de educar crianças. É verdadeiramente maravilhoso.

Uma coisa que posso dizer é que nunca me aborreci por estar casada com o Stephen. Ele está sempre a fazer coisas divertidas e entusiasmantes. Sabe, ainda me consigo lembrar da minha mãe e do meu pai a caminharem de mãos dadas até à geladaria Fernwood's Ice Cream Store, comprarem um gelado e regressarem, sentando-se no alpendre da frente à conversa com os vizinhos. O Stephen e eu nunca tivemos uma vida assim. E eu perguntava-lhe constantemente: "O que aconteceu aos bons velhos tempos, quando havia tempo e a pressão não era uma constante?"

Mas a vida é bela, e é ótimo aprendermos um com o outro e vermos os filhos a crescerem, a tornarem-se adultos responsáveis e a

terem, eles mesmos, vidas entusiasmantes. E, portanto, acho que o casamento é uma coisa boa. Acho que temos de trabalhar nele para o fazer funcionar e que aprendemos muito, e espero que nos tornemos menos egoístas e mais generosos e carinhosos. E esta é uma maneira maravilhosa de fazermos progressos.

Famílias diferente, estilos diferentes

Lembro-me do que foi mais difícil para mim quando me casei: senti que estava a trair a minha família se não considerasse acertada a maneira como a minha família fazia as coisas. E demorei alguns anos a aperceber-me de que cada família faz as coisas de maneira diferente, e que depois podemos aprender, crescer e escolher fazer as coisas à nossa maneira enquanto casal, em vez de as fazermos tal como os nossos progenitores as faziam.

Quando nos casámos, mudámo-nos para Boston, o Stephen ainda estava a concluir os estudos. Tivemos um bebé e regressámos a casa ao fim de um ano. Logo na primeira semana de regresso, lembro-me de a mãe do Stephen me ter telefonado e dito: “Oh, Sandra, estou tão feliz por terem regressado. Só te queria dizer que o Stephen foi alimentado com leite Arden e compramos sempre o *Deseret News*!” E eu respondi: “Oh, obrigada por partilhar isso.” E depois a minha mãe telefonou e disse: “Sandra, foste alimentada com produtos lácteos Winder, e compramos sempre o *Tribune*, sabes?” Como tal, tivemos de fazer cedências, eu passei a comprar leite Clover Leaf e o *Daily Herald*.

É algo verdadeiramente maravilhoso, e disse a todos os nossos filhos casados: “Peguem nas melhores coisas de cada uma das vossas famílias e façam-nas. E não têm de as fazer como nós as fazíamos, façam as coisas como se sentirem bem a fazê-las.”

Lembro-me de a minha família ser muito aberta, muito sociável e publicamente afetuosa, beijavam e abraçavam toda a gente. E ninguém tinha segredos, toda a gente sabia tudo sobre todos os

membros da família. E se alguém estivesse chateado com alguém, sabia-se. A família do Stephen era muito mais reservada e nunca conseguíamos saber se estavam aborrecidos connosco, pois guardavam as coisas para eles mesmos. Por isso, era um contraste interessante. O Stephen estava sempre a tentar que eu falasse menos e eu estava sempre a tentar que ele falasse mais.

Alavancar os pontos fortes dos outros

O Stephen era muito arrojado. Passava o tempo a caçar, ou a andar de barco, ou a fazer esqui aquático e a mergulhar no lago à meia-noite, e andava em veículos, motas todo-o-terreno e coisas desse género. Durante os primeiros anos de casamento, na verdade, ainda continuo a fazê-lo, tinha de vencer mentalmente a voz da minha mãe, que repetia incessantemente: “Se entrares nesse barco, vais afogar-te, e se subires a essa árvore, vais cair!” Para permitir que cada um de nós fosse um indivíduo e, ainda assim, trabalhássemos como uma equipa, tivemos de fazer um pacto. Tivemos de permitir um ao outro ter presente o melhor interesse dos nossos filhos e apoiar o estilo e os modos do nosso parceiro.

Eu adoro as artes, o teatro, o *ballet*, a ópera e coisas desse género, portanto, comprávamos bilhetes para todas essas coisas, mas o Stephen gostava de jogos de basquetebol e de todo o tipo de desportos, e queria que toda a gente se envolvesse. Mas isso trabalha-se. E eu lembro-me de ter de arrastar os nossos rapazes para a sinfonia, quando eram mais novos, mas à medida que chegavam à adolescência e começavam a namorar, decidiram que era verdadeiramente bom, pois as raparigas achavam o máximo serem convidadas para assistir ao *ballet* ou ao teatro, e depois começaram a disputar os bilhetes, o que era realmente fantástico.

Tal como referi, famílias diferentes, estilos diferentes. Temos de perceber que podemos escolher. Não temos de fazer as mesmas coisas que os nossos pais faziam quando nos criaram, podemos

escolher, podemos acomodar-nos um ao outro e descobrir o que é importante para cada um de nós.

O segredo é a comunicação empática

Aprendemos a comunicar um com o outro. O Stephen telefona-me sempre, independentemente de onde esteja, várias vezes por dia. Esteve há pouco tempo na China, em Singapura e em Hong Kong, e eu recebia chamadas em que me dizia: “Olá, o que estás a fazer?” E respondia-lhe: “Bem, são 3:00”, ou algo assim.

E uma coisa que fazemos e que adoramos verdadeiramente é pegar numa pequena mota, uma *Honda*, e todos os dias darmos uma voltinha. E estamos longe do telefone, estamos longe dos filhos e limitamo-nos a estar um com o outro e a falar um com o outro. Vamos dar uma volta pelo bairro. Ou, no inverno, damos uma volta na mota de neve ou algo assim. Mas passarmos algum tempo só nós os dois e passearmos é verdadeiramente bom.

Quando vivemos no Havai, sentávamo-nos na praia e conversávamos durante horas. E creio que, independentemente dos seus problemas, se conseguir falar sobre as suas preocupações e sobre as coisas que o incomodam, e comunicá-lo ao seu parceiro, ficará a sentir-se melhor. É quando não falamos sobre alguma coisa que a relação se torna difícil. O Stephen gosta de me lembrar que os sentimentos não expressos nunca morrem, regressam sempre de formas mais avassaladoras. E isso é tão verdade num casamento e numa família. Os elementos do casal têm de aprender a expressar as suas preocupações num ambiente seguro.

O Stephen viaja tanto e sente tantas saudades que telefona várias vezes por dia. Quando os nossos filhos eram pequenos, ele telefonava todas as noites e falava com cada uma das crianças: “Bem, o que estão a fazer? Como foi o teu dia? Conta-me o que está a acontecer na tua vida.” E, por vezes, quando estava fora, telefonava por volta das 22:00, estávamos nós a meio de um filme, e o telefone tocava e dizíamos: “Oh, não, é o pai. Fala tu com ele.” “Não, não quero falar com ele, falei

com ele ontem à noite, hoje falas tu.” Mas, lá está, havia comunicação e, enquanto progenitor que ficava em casa, não me sentia tão sozinha nem sentia que estava a educar os meus filhos sozinha.

Lembro-me de um grande líder e mentor, David O. McKay, que estava casado com a sua esposa há cerca de 60 anos, e um jornalista perguntou à Sra. McKay: “Bem, tem um casamento maravilhoso, e ainda estão apaixonados um pelo outro e andam de mãos dadas. Alguma vez considerou o divórcio?” E ela respondeu: “Divórcio, não. Homicídio, sim.”

Acho que esse pensamento passa, por vezes, pela nossa mente, quando ficamos frustrados e cansados, e quando a comunicação não acontece com a frequência ou do modo que devia.

Diferença de valores

É maravilhoso estar casado com alguém que é diferente de si, porque crescem e aprendem um com o outro. Uma das coisas que fazemos regularmente, e que tem resultado verdadeiramente bem, é quando eu quero fazer algo que é muito importante para mim, como ir ao *ballet*, mas ele quer ir ao cinema ou a um evento desportivo, e dizemos um ao outro: “Muito bem, tens de ser completamente honesto; numa escala de 1 a 10, onde estás, como te sentes?” A regra é não poder mentir ao atribuir uma prioridade ao evento. “Bem, é um 5 para mim”. E ele diria: “Bem, é apenas um 1 para mim, portanto, parece que vamos ao *ballet*.” Este é um modo de comunicação simples que nos ajudou verdadeiramente. Além disso, permite que sejamos muito autênticos. Tenho um quadro na casa de banho com estas frases: *Amo-te mais hoje do que te amava ontem. Ontem aborreceste-me imenso.*

Abra o seu coração

Elogiem-se um ao outro. Como saberá, os seus filhos não são bons a dizerem “que mãe maravilhosa és, limpas a casa, lavas a roupa e preparas os nossos maravilhosos jantares”. Na verdade, não ouvimos isso dos nossos filhos com muita regularidade. Mas quando partilhávamos uma refeição verdadeiramente boa ou fazíamos algo um pouco fora do habitual ou especial, o Stephen dizia: “Oh, vamos aplaudir de pé a mãe!” E levantavam-se e batiam palmas. Ou “vamos fazer-lhe o sinal de golo” – é o expoente máximo, receber o sinal de golo – por este jantar maravilhoso, ou o que quer que fosse. E os nossos filhos costumavam fazer *hip hip hurra*, quando alguém fazia alguma coisa especial. Gosto muito dessa tradição na nossa família.

Comunicar um com o outro. As mulheres tendem a falar mais e é verdade que continuamos a querer que os nossos maridos digam exatamente o que queremos ouvir. Temos uns amigos próximos, Truman e Ann Madsen. A Ann contou-me, certa vez: “Uma noite, disse apenas ao Truman: «Truman, és tão maravilhoso, és o melhor marido, estou tão feliz por ter casado contigo, não consigo pensar em ninguém mais atencioso ou maravilhoso do que tu.» E senti o que disse, mas queria a mesma validação da parte dele, e ele limitou-se a dizer: «Idem.»” E, por vezes, é a resposta que obtemos. Temos de procurar as “palavras” noutras formas.

Exprima amor e felicidade

Outra coisa que fazemos é, quando as pessoas saem e chegam, um grande alarido. Quando um ente querido chega a casa, deixamos tudo o que estamos a fazer e simplesmente estamos com ele; quer seja o meu parceiro, quer sejam os nossos filhos, exprimimos o nosso amor e felicidade. “Oh, chegaste, conta-me como foi o teu dia.” Chegamos a um ponto em que ficamos genuinamente entusiasmados por vê-los, e transmitimos isso mesmo. E quando saem, fazemos a mesma coisa, damos um grande beijo, abraçamo-nos

e dizemos: “Despacha-te a regressar.” Creio que é bom fazer alarido com as chegadas e as partidas. Leva a que o seu parceiro queira estar presente. Faz com que toda a gente se sinta especial e amada.

Nos velhos tempos, lembro-me de a minha mãe se aperaltar antes de o meu pai chegar a casa. E naqueles tempos vestiam batas, pintavam-se e arranjavam o cabelo. E eu dizia: “Porque fazes isso?” E ela respondia-me: “Bem, o teu pai está de regresso a casa.” Parece antiquado e, para algumas pessoas, soa sexista, mas a minha mãe fazia este esforço para se mostrar feliz ao vê-lo e para ter boa aparência. Eu percebi que após um longo dia de trabalho, em que nem sempre as pessoas eram bondosas ou educadas, em que talvez não tivesse realizado qualquer venda durante todo o dia, o meu pai ficava feliz por chegar a uma casa onde era amado e valorizado.

Outra coisa que fazíamos era um grande alarido com os aniversários e as festividades. Se fosse o seu grande dia, levantava-se de manhã e haveria balões e cartazes. Fazíamos desse dia uma ocasião especial e teríamos um jantar especial. E os meus genros e noras diziam: “Oh, a tua família! Estamos tão exaustos, não é apenas um dia de aniversário, é uma semana de aniversário ou um mês de aniversário, por amor de Deus.”

Mas um dos meus genros acrescentou: “Quando me casei e entrei nesta família, não conseguia acreditar no quanto se louvavam uns aos outros e pensei que eram todos tão maravilhosos e faziam tanto alarido.” E depois fez uma pausa e acabou por soltar: “Mas começo a gostar verdadeiramente disso.”

Uma boa relação exige sentido de humor

É verdadeiramente entusiasmante estar casado. E será provavelmente mais do que aquilo que esperava e, muitas vezes, é mais difícil do que pensava que fosse. Acho que o meu marido, o Stephen, é o maior e adoro a sua companhia, e estou muito feliz por ter casado com ele.

Temos uma casa em Montana, para onde vamos e passamos muito tempo no verão. E depois, no inverno, praticamos desportos da estação. Tínhamos ido até lá no início do outono e estava a começar a ficar frio. Levantámo-nos cedo naquela manhã de domingo e fomos à missa, por isso o Stephen e eu vestimos as nossas roupas de domingo. Depois da missa, iniciámos a nossa viagem de seis horas de regresso a casa, no Utah.

O Stephen conduziu durante algum tempo e depois disse: “Sabes, estou verdadeiramente cansado, queres conduzir um pouco?” E eu respondi: “Claro.” Após algumas horas e algum tempo para o Stephen dormir, os meus olhos estavam cansados e eu necessitava de uma pausa. Disse ao Stephen que necessitava de parar. “Que tal eu sair, ir para o banco de trás e deitar-me – fizeste uma cama tão bem feita lá atrás – e conduzes tu durante algum tempo?”

Ele respondeu que sim. Por isso, saí e fui para o banco traseiro do carro, enquanto o Stephen se dirigia para a frente do automóvel para regressarmos à autoestrada, com todos aqueles automóveis a acelerarem e a fazerem bastante ruído. Fiz uma pausa, descalcei os meus sapatos de salto alto, lancei-os para a mala do carro e depois bati o porta-bagagens, porque é preciso ter as portas fechadas para o automóvel arrancar...

Bem, quando o Stephen ouviu a porta bater, nem sequer olhou para trás, pensou: *Ela entrou*. E arrancou. Já me tinha feito isto antes, e tive de correr atrás do automóvel, em género de brincadeira, ele pensa que é muito divertido. Pensei que ele estava apenas a brincar, mas ele tentava entrar na autoestrada e os carros não paravam. E eu pensei: *Bem, é melhor ir ter com ele*.

Mas, de repente, arrancou e desapareceu, e eu fiquei ali, na berma da autoestrada, com o meu vestido de domingo e de meias, sem sapatos, e com um pouco de frio. E pensei: *Oh, meu Deus, agora quando é que ele regressa? Tenho de esperar por este grande espetáculo*. Esperei e esperei, e ele não regressou. Os automóveis passavam a zumbir e viam uma mulher ali abandonada. Presumo que algumas das pessoas tenham utilizado o telemóvel para avisar a brigada de trânsito. Provavelmente, devem ter dito algo do

género: “Um homem deve ter expulsado a mulher do automóvel, e ela está ali, descalça, ao frio na autoestrada...”

Por isso, cerca de 20 minutos depois, a brigada de trânsito chegou. E o agente encosta e diz: “Teve um pequeno problema familiar?”

E eu respondi: “Oh, não. O meu marido pensou que eu estava no interior do automóvel; não se apercebeu de que não estou lá.”

E ele disse: “Isso é estranho, quer dizer, não deveria estar sentada ao lado dele, no banco da frente, e ele não reparou que não estava lá?”

E eu repliquei: “Bem, sabe, eu ia para o banco de trás, ia deitar-me.”

O agente disse: “Hum, com certeza. Bem, entre e tentaremos encontrá-lo.”

E então entrámos e ele perguntou: “O seu marido tem telemóvel?” Eu respondi: “Sim, tem.” Ao que ele disse: “Bem, vou telefonar-lhe.”

Então, o agente ligou-lhe para o telemóvel: “Sr. Covey?”

“Sim.”

“Pertence à brigada de trânsito; onde se encontra o senhor?”

E ele respondeu: “Oh, sabe, não tenho a certeza. A minha mulher estava ao volante e agora sou eu quem está a conduzir, nem sequer sei em que estado estou, creio que no Utah, não tenho a certeza de onde estou. Só um minuto, Sr. Agente, vou perguntar à minha mulher, que está a dormir no banco de trás.”

E começa: “Sandra, Sandra, onde estamos?” E o agente da brigada diz: “Estou! Sr. Covey! Não creio que ela lhe vá responder. Está sentada ao meu lado no carro-patrolha.”

Acabámos por apanhá-lo, e quando o Stephen saiu do automóvel, pensei *Bom, certamente olhou para trás para me ver*, mas ele confessou: “Bem, nunca olhei para trás porque achei que irias querer fazer uma paragem para ir à casa de banho ou algo assim, pensei que seria melhor conduzir tão depressa quanto possível até casa antes de teres a oportunidade de sair novamente do automóvel para ires à casa de banho.” E continuou: “Por isso, nem olhei para trás, presumi que estivesse lá.”

Portanto, saímos do automóvel e estava ali aquele agente da polícia, que, de qualquer maneira, já estava incrédulo. O Stephen disse: “Bem, terei certamente uma história para contar.”

E o agente da polícia respondeu: “O senhor! Espere até eu contar aos meus colegas na esquadra. Eu terei mesmo uma história para contar. O Stephen Covey deixou a mulher na autoestrada, sabem, depois de uma grande discussão ou algo do género.”

Portanto, eis o meu marido, que me abandona na autoestrada. Uma boa relação requer sentido de humor.

*“Não sou o produto
das minhas circunstâncias.
Sou o produto das minhas decisões.”*

STEPHEN R. COVEY
